Dia 6 — São Bruno, Confessor

Martirológio Romano

São Bruno, confessor, fundador da Ordem dos Cartuxos, na Calábria. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

São Sagar, bispo e mártir, em Laodiceia; outro dos antigos discípulos do apóstolo São Paulo.

O martírio dos santos mártires Marcelo, Casto, Emílio e Saturnino, em Cápua (onde se conservam suas relíquias).

O martírio de Santa Fé, virgem e mártir, em Agen, na Gália; com cujo exemplo animado ao martírio São Caprásio teve glorioso fim em meio dos tormentos. (Veja-se sua notícia entre as de hoje.)

Santa Eaoris, mártir, igualmente; a qual, acesa no amor de Jesus Cristo, venceu as chamas da fogueira em que a lançaram.

A comemoração de uma multidão quase inumerável de mártires, em Tréveris; os quais, na perseguição de Diocleciano, por sentença do prefeito Ricio Varo, foram martirizados pela fé de Cristo com diversos gêneros de mortes. (Entre estes se conta uma companhia da legião Tebeia que se achava em Tréveris, sob o mando de São Tirso, outro dos capitães subalternos de São Maurício, a qual, por ordem do mesmo Ricio Varo, foi cercada no sítio onde estava alojada e passada toda a fio de espada, sem que um só escapasse. Das dez cabeças e treze ossos destes benditos cavaleiros de Cristo, que no tempo de Gregório XIII foram levadas a Milão, vieram três cabeças e três canelas à capela de Nossa Senhora do Palau, da cidade de Barcelona.)

São Romão, bispo e mártir, em Auxerre.

São Magno, bispo, em Oderzo, cujo corpo se conserva em Veneza.

São Bruno, Confessor

São Bruno, restaurador da vida solitária no Ocidente, glória de seu século, admiração do mundo cristão e fundador de uma das mais ilustres e mais santas religiões da Igreja de Deus, nasceu em Colônia pelos anos de 1051. Era sua família das mais antigas e das mais nobres do país; e seus pais, mais distinguidos por sua exemplar virtude que por suas grandes riquezas e pelo esplendor de seu sangue. Mereceu-lhes Bruno seu particular carinho por seu belo natural, por seu entendimento claro, vivo e desembaraçado, por uma memória feliz e por sua grande docilidade, acompanhado tudo de uma inclinação a tudo o que é bom, pouco ordinária nos meninos de sua idade, prendas todas que o faziam mais amável e que empenharam seus pais em aplicar-se com maior especialidade ao cuidado de sua educação. Isto custou pouco, e seus belos talentos naturais, ajudados das particulares graças com que o céu o preveniu, pouparam muito trabalho aos mestres. Assegura o autor mais antigo da história de sua vida que nunca se notou coisa que cheirasse a puerilidade em seus costumes. Observava-se-o sempre muito alheio e muito superior às meninices de sua idade; e sua virtude, junta com a terna devoção que professava à santíssima Virgem, a qual deixou depois como em herança a seus filhos, preservou sua inocência em todos os perigos.

Acrescentando-se a seu extraordinário juízo e madureza uma excelente capacidade, fez maravilhosos progressos nas ciências. Sobressaiu muito nas letras humanas; mas muito mais na sagrada teologia e no estudo dos santos Padres: de maneira que constantemente era reputado por um dos mais hábeis doutores de seu tempo. Enviaram-no a Paris para que se aperfeiçoasse naquela universidade: graduou-se nela e, ainda que todavia muito jovem, ensinou com aplauso a filosofia. Estendida com admiração a fama da santidade e da sabedoria de Bruno, Santo Anão, arcebispo de Colônia, não quis que sua igreja estivesse privada por mais tempo de um sujeito que tanto a podia ilustrar. Chamou-o e proveu nele um canonicato da igreja de São Cunibert de Colônia. Conferiu-lhe as primeiras Ordens sagradas; mas crescendo cada dia sua reputação, logo que morreu Santo Anão, a igreja de Reims o elegeu por seu magistral e, pouco depois, foi nomeado chanceler e reitor das escolas públicas.

Era São Bruno o exemplo e a admiração de todo o clero; edificava a toda a cidade com a pureza de seus costumes quando, por vias simoníacas, introduziu-se Manassés na cadeira arquiepiscopal de Reims, procurando manter-se nela por todo gênero de violências e de dissoluções. Pareceu a nosso Santo que não devia dissimular a dor que lhe causava aquele escândalo. Por outra parte, sua vida exemplar era uma silenciosa mas penetrantíssima censura da licenciosa e desordenada que trazia aquele pastor mercenário, o que o pôs de tão mau humor contra São Bruno que o tratou muito mal e fez tudo quanto pôde para perdê-lo. Mas tendo sido ignominiosamente arrojado da cadeira arquiepiscopal o indigno prelado, depois de excomungado pelo legado do Papa, convieram todos em que fosse sucessor o santo Magistral, que, noticioso disto, sobressaltou-se muito. Escapou secretamente e soube esconder-se tão bem que foi preciso proceder à eleição de outro, a qual recaiu em Reinaldo de Bellay, tesoureiro da santa igreja de Tours. Alguns historiadores modernos querem dizer que estas inquietações da igreja de Reims, acrescentadas ao tédio que causavam a nosso Santo todas as vaidades do mundo, foram o motivo principal da resolução que tomou de retirar-se a um espantoso deserto para entregar-se unicamente ao importante negócio de sua salvação. Mas faz-se pouco verossímil que uma causa tão ligeira produzisse um efeito tão ruidoso, nem que uma vida tão inocente e tão regulada se condenasse por tão leve motivo a tão espantosa penitência. Parece que uma resolução tão generosa e tão repentina havia de ter princípio de mais estrondo.

É tradição na sagrada religião dos Cartuxos, tão antiga como ela mesma, autorizada pelo testemunho do célebre João Gerson, chanceler da universidade de Paris, pelo de Santo Antonino e pelo de todos os homens grandes que tem havido na Cartuxa, que a verdadeira causa da repentina resolução que tomou nosso Santo de ir esconder-se, ou enterrar-se vivo num horroroso deserto, e de fazer nele a mais austera e a mais penitente vida, foi um dos sucessos mais estranhos e mais temerosos que acaeceram jamais no mundo.

O autor mais antigo da vida de nosso Santo, que a escreveu no ano de 1150, isto é, quarenta e nove anos somente depois de sua morte, e que faz uma exata e minuciosa relação de tudo o sucedido desde os primeiros passos da Ordem; certo santo monge da Cartuxa de Meyriat, que vivia pelos anos de 1270; Guilherme de Erbura, que escreveu no de 1313; o autor da Crônica dos priores da Cartuxa, que floresceu no de 1383; Henrique de Kalkar, que no ano de 1398 compôs um tratado da origem desta ilustre Religião; enfim, o célebre Dionísio Cartusiano, que morreu no ano de 1471; e Surio, da mesma sagrada Ordem: todos estes homens, que não eram nem simples, nem crédulos, nem visionários, fazem opinião muito mais provável que aqueles críticos do século XVII, que foram os primeiros em levantar o grito e dar por apócrifa esta venerável tradição. O modo com que referem todos estes antigos historiadores o terrível suceso de que se valeu Deus para mover São Bruno a que fosse sepultar-se vivo numa horrorosa solidão é o seguinte:

Achava-se nosso Santo em Paris quando morreu, recebidos todos os Sacramentos, um famoso doutor daquela universidade, homem, ao parecer de todos, de uma suma bondade, geralmente reputado por muito virtuoso; e levado à igreja para dar-lhe sepultura, quando se lhe estava cantando o ofício de defuntos de corpo presente, ao chegar à quarta lição, que começa «*Responde mihi*», o cadáver levantou a cabeça no féretro e com voz lastimosa exclamou: «Por justo juízo de Deus sou acusado»; dito isto, voltou a reclinar a cabeça como antes. Apoderou-se de todos os assistentes um geral terror e determinou-se dilatar para o dia seguinte os funerais. Este dia foi muito maior o concurso: voltou a entoar-se o ofício e, ao chegar às mesmas palavras, volta o cadáver a levantar a cabeça e a exclamar com voz mais esforçada e mais lastimosa: «Por justo juízo de Deus sou julgado.» Duplicou-se em todos os concorrentes o espanto; e resolveu-se diferir a sepultura para o terceiro dia. Nele foi imenso o concurso: deu-se princípio ao ofício como nos dias precedentes e, quando se cantaram as mesmas palavras, levanta o defunto a cabeça e com voz verdadeiramente horrível e espantosa exclamou: «Não tenho necessidade de orações; por justo juízo de Deus sou condenado ao fogo sempiterno.» Já se deixa discorrer a impressão que faria nos ânimos de todos um suceso tão funesto. Achou-se presente Bruno a este triste espetáculo e gravou-se-lhe tão profundamente que, retirando-se todo estremecido e todo horrorizado, determinou deixar quanto tinha e enterrar-se em algum horroroso deserto para passar nele toda a vida, entregado unicamente a exercícios de rigor, de mortificação e de penitência. Parecia necessário um suceso tão trágico para uma resolução tão generosa. Estando nestes pensamentos, entraram a vê-lo seis amigos seus; e mal tomaram assento, com as lágrimas nos olhos disse-lhes: «Amigos, em que pensamos? Condenou-se um homem que, a juízo de todos, fez sempre uma vida tão cristã; pois quem poderá fiar-se já com segurança do testemunho que lhe dê sua equivocada consciência? Oh, que terríveis são os altos juízos de Deus! O defunto já não falou para si; a nós se dirigiu o grito daquele espantoso milagre. Pelo que a mim toca, já tomei meu partido; resolvido estou a abandonar tudo para sempre: benefícios, empregos, rendas, tudo se acabou já para mim; vou enterrar-me vivo no deserto mais horroroso que encontre, e ali vou passar a vida em

amargura, em solidão e em penitência.» Movidos todos aqueles amigos, já do que haviam visto, já do que lhe acabavam de ouvir, protestaram que todos estavam no mesmo pensamento e na mesma resolução, prontos todos a segui-lo. Chamavam-se estes Landuíno, que depois de São Bruno foi o primeiro prior da grande Cartuxa; Estêvão de Bourg e Estêvão de Die, ambos cônegos de São Rufo em Valença do Delfinado; um sacerdote por nome Hugo, e dois leigos, que se chamavam André e Guerino. Começaram a discorrer sobre o deserto aonde se retirariam, e os dois cônegos de São Rufo disseram que em seu país havia um santo bispo cujo bispado tinha muitos bosques, muitos penhascos inacessíveis e muitos sítios inabitáveis, e que não duvidavam de seu zelo e de sua grande bondade que favoreceria seus intentos se recorressem a ele. Era este santo prelado São Hugo, bispo de Grenoble, célebre por sua santidade e um dos maiores prelados de seu século. Aplaudiram todos este parecer.

Feita por São Bruno a demissão de sua prebenda e a renúncia de tudo, tomou o caminho do Delfinado com seus seis companheiros e lançou-se aos pés do santo bispo de Grenoble, pedindo-lhe que se servisse conceder a todos os sete um sítio solitário onde poder retirar-se. Lembrou-se então São Hugo de um sonho que havia tido a noite antecedente, em que lhe pareceu ver o mesmo Deus que estava fabricando para si próprio um templo num deserto de seu bispado, que se chamava a Cartuxa, e que sete estrelas, elevadas da terra em forma de círculo, iam diante do mesmo Bispo como para mostrar-lhe o caminho. Mandou-os sentar a todos e, tendo-lhes perguntado o assunto de sua viagem, tomou a palavra São Bruno, diz Surio, e depois de referir-lhe o prodigioso suceso de Paris, suplicou-lhe que fosse servido assinalar-lhes algum deserto onde passassem a vida fazendo penitência e retirados de todo humano comércio. Logo que o Bispo entendeu sua relação, referiu-lhes, explicou-lhes e aplicou-lhes a visão que havia tido, não duvidando que aqueles sete forasteiros estavam significados nas sete estrelas misteriosas. Abraçou-os com ternura, louvou seus generosos intentos, ofereceu-lhes o deserto da Cartuxa e pintou-lho desta maneira: «Se buscais um sítio inacessível aos homens, não achareis outro que menos haja pisado humana planta; mas advertí que é uma silenciosa solidão, cuja vista só estremece e horroriza; é um conjunto de penhas escarpadas cujas pontas sobem até esconder-se nas nuvens: cobrem-no todo o inverno as neves e escurecem-no as névoas, sendo o frio por uma parte insofrível e por outra interminável; numa palavra, é um lugar que até agora só o têm povoado as feras.» Vendo que esta pintura, longe de acobardá-los, acendia mais seu fervor, acrescentou: «Conheço claramente que Deus vos destina a esta horrorosa solidão; o mesmo Senhor saberá manter-vos nela.» Deteve-os alguns dias em seu palácio para que se recobrassem das fadigas do caminho; e depois o mesmo Prelado os acompanhou até pô-los em posse do sítio que lhes assinalava. Não contente com ceder-lhes todo o direito que a ele pertencia, ofereceu-se a indenizar o senhor das pretensões que podia ter, ainda que não fosse mais que para o exercício da caça, tudo com o fim de que nenhuma coisa pudesse turbar nem inquietar sua solidão. O primeiro que fizeram Bruno e seus companheiros foi fabricar um oratório ou capela em honra da santíssima Virgem, com umas celinhas a moderada distância umas de outras, num terreno que se estende um pouco entre três grandes penhascos, a cujo pé brota uma pequena fonte, que até o dia de hoje se chama fonte de São Bruno, tudo perto da capela, que desde então se intitulou Santa Maria das Choças: *Sancta Maria de Cassallibus*. Começaram estes anjos em carne humana a habitar aquele deserto e a fazer nele a vida mais austera e mais penitente que se havia visto na Igreja, por aqueles dias imediatos à festividade de São João Batista do ano de 1084.

Tal foi a célebre época, ou o nascimento, da admirável religião dos Cartuxos; porção tão distinguida e tão estimada no rebanho do Senhor, seminário de Santos, glória da Religião e um dos baluartes mais firmes do Cristianismo. Daquela venerável Religião, que pode contar tantos predestinados como indivíduos; e que depois de quase setecentos anos conserva o vigor e o espírito de seu primitivo Instituto, sem haver afrouxado nem sofrido nunca a mais mínima relaxação, nem na exatíssima observância de seus antigos costumes nem na constante severidade de sua rigorosa penitência: daquela Religião verdadeiramente ilustre pela multidão de Santos, Bispos, Arcebispos, Patriarcas e Cardeais que tem dado ao mundo cristão e pelo número muito maior dos que constantemente resistiram às honras da púrpura e até à dignidade suprema da Igreja: daquela Religião, enfim, que, avantajando-se na solidão, na abstinência, na multiplicidade das orações, na continuação dos jejuns, no silêncio e nas penitências aos mais antigos solitários do Oriente, une e junta dentro de seu seio toda a perfeição evangélica e, pelo exercício de todas as virtudes, ela só é o elogio mais magnífico da religião de Jesus Cristo.

Pela santidade e pela exata observância dos Cartuxos de nossos tempos pode-se facilmente inferir quanta seria a santidade e qual seria a vida daqueles primeiros padres. Seu rigoroso jejum era contínuo e seu perpétuo silêncio só se interrompia para cantar no coro os louvores do Senhor. Fora da indispensável abstinência de carne, ainda nas mais graves e perigosas enfermidades; além da perpétua clausura e do cilício, que jamais se despiam, sendo este um dos pontos essenciais da Regra, estavam expostos a todas as inclemências do tempo naquelas reduzidas choças. Todos elegeram por superior seu São Bruno, e São Hugo o nomeou por tal apesar de sua resistência, sendo-o na realidade por seu raro mérito e por sua eminente virtude. Era o mais humilde, o mais pobre, o mais mortificado, o mais observante, e não parecia possível modelo mais cabal da vida monástica. Mas aquele mesmo santo bispo de Grenoble, que no princípio adotou por filho seu a São Bruno, admirado depois de sua sabedoria e de sua santidade, tomou-o por seu diretor e mestre da vida espiritual; tanto que, sem acobardá-lo a aspereza do caminho, fazia tão frequentes viagens à Cartuxa para passar nela alguns dias seguindo a vida dos monges sob a direção de São Bruno que alguns creram que havia tomado o hábito, fazendo-se em tudo seu discípulo.

Mas quando mais contentes estavam aqueles santos solitários, desfrutando o consolo e a doçura do governo de São Bruno, tomando sua vida por modelo da sua, viram-se muito a pique de perdê-lo para sempre. Havia-o conhecido e tratado muito em Reims o papa Urbano II; e resolvido a valer-se de sua capacidade e de seus conselhos para o governo da Igreja, expediu-lhe um Breve, mandando-lhe que passasse logo a Roma, quando mal havia seis anos que com sua pequena tropa estava retirado na Cartuxa. Foi indizível a aflição de todos os seus filhos quando se consideraram na triste necessidade de separar-se de seu amado pai; e não acharam consolo senão na resolução que tomaram todos de segui-lo e de acompanhá-lo. Mantiveram-se firmes nela, por mais que fez nosso Santo para persuadi-los a que não abandonassem aquela solidão, empenhando-lhes sua palavra de que muito cedo daria a volta. Não os pôde reduzir, respondendo-lhe todos que, como estivessem em sua companhia, sempre seriam solitários; e com efeito o seguiram.

Encarregou São Bruno o cuidado de sua ermida a Seguin, abade de Casa-Dei; e recebida a bênção de São Hugo, partiu a Roma com seis companheiros. Foi recebido pelo Papa com todos os testemunhos e demonstrações de estimação e de afeto que se podem imaginar. Deteve-o perto de sua pessoa e fê-lo de seu conselho eclesiástico para consultá-lo nos negócios de consciência e de

Religião. A seus companheiros deu-se-lhes uma casa na cidade, onde procuravam viver retirados e praticar seus exercícios monásticos como na solidão da Cartuxa; mas logo experimentaram que não achavam aquela facilidade para a meditação, para o coro, para a oração e para o recolhimento que se haviam prometido e que o ruído e algazarra da rua turbava muito aquele amável silêncio que só podiam encontrar entre as rochas e aquele doce sossego que haviam perdido por culpa sua. Pouca dificuldade teve São Bruno em persuadi-los a que voltassem a sua amada solidão. Nomeou por prior em seu lugar a Landuíno e, recebida a bênção do Papa, com um Breve dirigido a São Hugo para que os voltasse a pôr em posse de seu deserto, restituíram-se à Cartuxa.

Mas logo que voltaram aos exercícios de seu primitivo fervor, faltou pouco para que de todo os perdesse uma violenta tentação. Sobressaltado o demônio à vista daqueles primeiros princípios, meteu-lhes na cabeça que era tentar a Deus empenhar-se numa vida tão rigorosa e tão superior às forças da natureza. Conferenciando um dia sobre este ponto, apareceu-lhes um venerável ancião e disse-lhes que não tinham razão para desconfiar da assistência do céu e que a santíssima Virgem os tomaria a todos debaixo de sua especial proteção, contanto que todos fossem muito exatos em rezar cada dia as sete horas canônicas de seu Ofício parvo. Dito isto, desapareceu o santo velho, que todos conheceram que era o apóstolo São Pedro; e consagrando-se todos à santíssima Mãe de Deus, puseram toda a Ordem debaixo de sua proteção, renovaram o propósito de não abandonar o deserto, de não admitir a mais mínima moderação na severidade de seu instituto, e ao instante se dissipou aquela tentação. Daqui teve princípio a lei dos Cartuxos de rezar todos os dias cada um em particular o Ofício parvo da Virgem.

Entretanto, não podendo São Bruno obter licença do Papa para voltar à doce companhia de seus queridos filhos, instruía-os e esforçava-os continuamente por meio de suas cartas. Mas fazendo-se-lhe cada dia mais dura e mais tediosa a estada na corte de Roma, e suspirando incessantemente por sua amada solidão, houvera, enfim, conseguido, à força de reiteradas instâncias, a permissão que solicitava, se a este tempo não houvessem chegado a Roma os deputados de Régio da Calábria com a pretensão de que se lhes desse Bruno por arcebispo. Gozosíssimo o Papa de ilustrar a Igreja de Deus com tal Prelado, concedeu-lho ao instante; mas Bruno o importunou tanto com seus rogos e com suas lágrimas que ao cabo Sua Santidade cedeu e lhe deu licença para que voltasse a seu deserto. Não obstante esta permissão e haver-se-lhe admitido a renúncia do arcebispado, entrou em novas dúvidas sobre se lhe convinha ou não lhe convinha retirar-se a sua antiga solidão. Estava o Papa para partir à França e receava que, achando-se no reino a corte pontifícia, o empenhassem em novas ocupações e negócios; pelo que, tendo notícia de que havia no centro da Calábria um deserto ainda muito mais horroroso que o da Cartuxa, resolveu não pensar já mais nesta e desterrar-se para sempre de seu país. Retirou-se, pois, com alguns discípulos que havia juntado, ao deserto da Torre, no bispado de Squillace, onde, acrescentando ainda novos graus a seu primeiro fervor, entregou-se totalmente à contemplação e aos exercícios da mais rigorosa penitência. Com tudo isso não pôde esquecer na Calábria nem seus amados discípulos da Cartuxa nem seus antigos amigos da igreja de Reims. Assim, pois, escreveu uma carta muito eficaz e muito viva a Ralfo o Verde, preboste daquela santa igreja, trazendo-lhe à memória a promessa que em outro tempo ambos haviam feito a Deus de renunciar o século para sempre, e o exorta poderosamente a cumprir a obrigação deste voto. É certo que o Santo não faz menção do espantoso prodígio que deu ocasião a seu retiro; mas crê-se que isto nasceu de certa delicadeza de consciência, por não ferir a honra nem renovar a chaga nos parentes daquele infeliz

doutor.

Quanto mais cuidado punha São Bruno em ocultar-se, mais se comprazia a divina Providência em dá-lo a conhecer ao mundo. Saindo um dia a caçar no bosque de Squillace, Rogério, conde da Sicília e da Calábria, ficou estranha mas gostosamente surpreendido vendo capela, celas e solitários naquele deserto. Travou conversação com São Bruno; e tendo-se informado de sua maneira de vida, ficou tão prendado e formou tão alto conceito da virtude e do extraordinário mérito de nosso Santo que, em sinal do muito que o venerava, fez dar maior extensão a sua ermida; assinalou-lhe uma posse que estava vizinha a ela, juntamente com o mosteiro de São João, tudo para sua manutenção, e mandou edificar uma igreja, que São Bruno dedicou ao instante à santíssima Virgem, sua terna e favorecida devoção. O piedoso Conde visitava continuamente o Santo, e cada dia lhe manifestava seu amor e sua veneração com novos benefícios, do que tardou pouco em receber a recompensa; porque, tendo posto sítio à cidade de Cápua e estando em vésperas de ser assassinado por uma aleivosia, apareceu-lhe em sonhos São Bruno, advertindo-lhe a conjuração que se tramava contra sua vida; pôde o Conde preveni-la e, enquanto viveu, conservou ao Santo perpétuo e muito vivo reconhecimento.

Tinha São Bruno muito presentes seus primeiros discípulos da Cartuxa e assim lhes enviou certas constituições para que em todas as partes fosse uniforme a vida dos Cartuxos. Com este mesmo fim Landuíno, a quem o Santo havia nomeado por prior em seu lugar, fez uma viagem à Calábria para conferenciar com ele todas as coisas. Mas mal se havia posto em caminho para restituir-se à França quando São Bruno caiu enfermo, com certo e claro conhecimento de que aquela enfermidade o havia de levar à sepultura. Então tudo cresceu visivelmente nele: seu fervor, sua devoção, seu zelo e até sua mesma penitência. Conhecendo que se aproximava sua última hora, convocou todos os seus monges, fez em sua presença a protestação da fé, particularmente sobre os artigos da santíssima Trindade, da Encarnação, da morte de Jesus Cristo geralmente por todos os homens e, enfim, sobre todos os Sacramentos; mas inculcando-se com especialidade sobre o sacramento da Eucaristia, explicando-se sobre ele mais difusamente por causa dos erros de Berengário, que tanto escândalo e tanta turbação haviam causado nos fiéis. No domingo seguinte, 6 de outubro, recebidos todos os Sacramentos, armado com seu cilício e um devoto Crucifixo arrimado aos lábios, entregou aprazivelmente seu espírito nas mãos de seu Deus no ano de 1101, ainda não cumpridos os cinquenta de sua idade, ao décimo quarto da fundação da Cartuxa no Delfinado e ao quinto depois de seu retiro à Calábria.

Seu corpo foi honorificamente enterrado na igreja de Nossa Senhora, que também se chamava de Santo Estêvão, e deu-se-lhe sepultura atrás do altar-mor, tornando-a gloriosa o Senhor com muito número de milagres. Foi o primeiro de todos uma milagrosa fonte que no mesmo dia de seu enterro brotou junto a sua sepultura, cujas águas foram salutares para todo gênero de enfermidades. Comunicado a seus filhos o espírito de retiro, de solidão, de silêncio e de humildade que resplandeceu no santo Patriarca, contentaram-se por largo tempo com invocá-lo em particular, sem fazer festa pública a seu ilustre Fundador, até que no ano de 1514 o papa Leão X mandou que se solenizasse publicamente sua festa no dia 6 de outubro. Então os Cartuxos da Calábria elevaram o santo corpo para expô-lo à pública veneração. Colocaram-no depois debaixo do altar-mor; ainda que, para satisfazer a devoção dos povos, separaram sua santa cabeça e a engastaram num preciosíssimo relicário, enviando à grande Cartuxa a mandíbula inferior com dois dentes.

Também se repartiram várias relíquias às Cartuxas de Colônia, de Nápoles, de Paris, de Friburgo de Brisgóvia, de Bolonha e a algumas outras. O papa Gregório XV mandou inserir seu ofício no Breviário romano, e Clemente X ordenou que se celebrasse com rito duplo.

Santa Fé, Virgem e Mártir

Santa Fé nasceu em Agen, cidade da segunda Aquitânia, ainda que outros a estimam natural da província de Portugal. Preveniu-a o céu desde o berço com suas doces bênçãos; e acrescentando por elas à qualificada nobreza de seus maiores o superior realce de haver sido uma daquelas ilustres virgens que, vestida com a branca estola da pureza, a lavou no sangue do Cordeiro, servia sua valerosa constância para alentar os fiéis a que dessem testemunhos públicos de sua fé ante os tribunais dos gentios. Educaram a Fé seus pais na religião de Jesus Cristo e, ficando altamente impressas em seu terno coração as piedosas máximas do Evangelho, acreditou desde logo o nome que lhe impuseram na pia batismal. Era no corpo de uma rara formosura, mas sem comparação maior na alma, condecorada no candor da pureza e no adorno de todas as virtudes cristãs, e assim, ainda que se achava jovem quando padeceu martírio, deixou-se ver como uma anciã venerável na justificação de sua conduta.

Moveram no princípio do século IV os imperadores Diocleciano e Maximiano uma das perseguições mais sangrentas que padeceu a Igreja sob o domínio dos príncipes gentios: nomearam por governador ou presidente da província de Tarragona a Daciano, um dos monstros mais ferozes que vomitou o inferno para açoite dos inocentes fiéis; cujas enormes crueldades deixaram à posteridade a ideia mais horrível que pôde conceber-se dos homens mais bárbaros e desumanos. Passou esta fera de caminho pela França para estabelecer-se na capital de seu departamento; e estando já impaciente de não executar quanto antes os ímpios desígnios de seus principais, quis dar provas de sua tirania em Agen. Soube que naquela cidade se distinguia Santa Fé entre os discípulos de Jesus Cristo; e como seu encargo principal era extinguir, se pudesse, todos os professores da religião cristã, resolveu proceder contra a ilustre Virgem. Mandou a seus ministros que a trouxessem a seu tribunal e, apresentando-se a Santa cheia de uma extraordinária alegria, armando-se com o sinal da cruz, pediu ao Senhor que lhe desse sábios arrazoados com que convencer aquele tirano.

Começou Daciano o interrogatório acostumado, perguntando à insigne Virgem por seu nome e religião; respondeu sem turbar-se: «Eu me chamo Fé, e a religião que professo é a de Jesus Cristo, a quem sirvo desde minha infância e a quem confesso agora por Deus verdadeiro com toda a veneração que me é possível.» O tirano dissimulou por então o enojo que lhe causou semelhante resposta; mas parecendo-lhe que para persuadir uma donzela daquele ânimo teriam mais força os bons termos que a severidade, disse-lhe: «Toma meu conselho, nobre virgem, para que possas conservar tão extraordinária formosura na mais florida juventude; deixa a nova religião de um homem que foi crucificado por seus delitos e sacrifica à deusa Diana, que é a protetora de vosso sexo; em cujo caso eu te enriquecerei com grandes bens.» Desprezou Fé com generosidade as ofertas do tirano e, revestida daquele valor que é próprio dos heróis do cristianismo, contestou-lhe: «Eu sei muito bem que todos os deuses dos gentios são demônios: e contudo queres que lhes

ofereça sacrifício?» Não pôde sofrer Daciano uma expressão tão injuriosa sem remontar-se num furor extraordinário e, querendo castigar sua ousadia, repreendeu-a desta sorte: «Como te atreves a dizer que são demônios nossos deuses? De duas, uma: ou oferece-lhes sacrifícios ou dispõe-te a padecer esquisitos tormentos.» Não se acobardou a ilustre Virgem com tão terrível ameaça; antes bem, animada de um novo espírito, segura do prêmio e alentada com o exemplo dos Mártires (cujos gloriosos triunfos lia de contínuo), fez entender a Daciano que sua maior ventura consistia em dar a vida por amor de Jesus Cristo. Uma resposta tão generosa esgotou todo o sofrimento de Daciano e, não podendo conter a indignação dentro do peito, mandou aos verdugos que a atormentassem; e por seu mandado foi posta sobre umas grelhas de ferro e debaixo muita lume, em que lançavam manteiga e toucinho para que, levantando-se com grande veemência, o tormento fosse maior. Encheram-se de horror até os mesmos gentios ao ver aquele lastimoso espetáculo e, como lhes constava a inocência da Santa, começaram a clamar contra a injustiça de fazer padecer daquele modo uma ilustre virgem da primeira nobreza, sem ter delito algum. E então também alguns dos presentes, cujos nomes se ignoram, vista a constância e paciência da Virgem e ouvidas suas boas razões, deixando a idolatria, creram e alcançaram a palma do martírio.

Padecendo, pois, a Santa este tormento, o bem-aventurado São Caprásio, que havia fugido da perseguição do Presidente, viu de seu esconderijo a Mártir, o qual, levantando os olhos ao céu, rogou a Deus que desse vitória a sua serva em semelhante conflito e, prostrado outra vez no chão, pediu ao Senhor que lhe mostrasse a virtude do céu. Não foi frustrado o Santo de seu desejo, antes bem viu baixar do céu uma pomba branca como a neve, que com o ar suave de suas asas apagava a eficácia do fogo, e que, vestida a insigne Virgem com uma roupa branca também como a neve, recreava-se na cama de ferro aceso como num banho delicioso. Com esta visão entendeu São Caprásio que a gloriosa Santa Fé havia de gozar logo da celestial morada; e fazendo oração a Nosso Senhor para que lhe desse perseverança e saísse com vitória do tirano, saiu de seu encerramento com santa emulação de que aquela delicada donzela fosse para mais que ele, sendo varão. Ofereceu-se, pois, de sua vontade ao tirano dizendo ser cristão. Ouvido isto pelo Presidente, mandou atormentá-lo juntamente com a donzela e, depois de atormentado, foi degolado com Santa Fé e os bem-aventurados São Primo e Feliciano. Foi seu martírio em tal dia como hoje, pelos anos 303. Os gentios deixaram os venerandos cadáveres no lugar do suplício: recolheram-nos os Cristãos e deram-lhes sepultura com o maior segredo, temendo que a impiedade dos pagãos executasse com eles suas acostumadas tiranias, a fim de que no sucessivo não tivessem a veneração correspondente. Mas logo que cessou o furor da perseguição, Dulcídio, bispo de Agen, trasladou-os à magnífica igreja que erigiu fora dos muros da cidade em honra de Nossa Senhora, chamada também Santa Fé, onde Deus por meio da dita Virgem e de seus santos companheiros fez milagres sem conta. Mas passados depois centenares de anos, os corpos dos gloriosíssimos mártires São Primo e São Feliciano foram levados ao mosteiro de São Pedro de Besalú, conforme se dirá, e em outros tempos o de Santa Fé foi trazido ao célebre mosteiro de São Cucufate do Vallès, da Ordem de São Bento, onde antes das revoluções de 1835 era tido com grande veneração e celebravam ali sua festa com grande solenidade, dizendo o abade missa pontifical e fazendo além disso oitava solene da dita Santa.

São Primo e São Feliciano de Agen, Mártires

Os bem-aventurados São Primo e São Feliciano, cuja comemoração celebramos hoje, foram franceses de nação e naturais de Agen, cidade importante na Gasconha. Durante a crudelíssima perseguição que no princípio do século IV moveram contra os Cristãos os imperadores Diocleciano e Maximiano, viviam à sazão os gloriosos mancebos Primo e Feliciano na dita cidade de Agen, os quais, convertidos pela pregação de São Caprásio, estavam tão acesos no amor de Deus que desejavam padecer a morte por seu respeito. Com esta ideia foram-se ambos com grande audácia e ânimo diante do Presidente, repreendendo-lhe sua crueldade e dizendo-lhe: «Ímpio e cruel tirano, não te envergonhas de dar tantos tormentos e tratar tão mal os Cristãos?» Respondeu-lhes Daciano: «Vós estais enganados, sendo cristãos e apartando-vos do serviço de nossos deuses.» — «Nós não estamos enganados, responderam-lhe eles, senão que Deus nos tirou do poço do inferno, que é a idolatria, onde o demônio detém as almas dos maus, e sabemos que não há outro Deus senão o dos Cristãos e que vossos deuses são mortos, porque nem ouvem nem sentem.» Então o Presidente, aceso em cólera, mandou açoitá-los com vimes, dizendo-lhes: «Se não sacrificais aos deuses, que tanto haveis ofendido, eu vos farei morrer com diversos tormentos.» — «Nós adoramos ao Senhor que fez o céu e a terra, responderam-lhe, e a teu ídolo é por demais, que não o adoraremos, ainda que nos tires mil vidas.»

Então o tirano, para alcançar vitória deles, quis levá-los por outro caminho, tratando-os algumas vezes com carícias e afabilidade e outras com ameaças, pensando desta sorte sair com seu intento. Mas os invictos cavaleiros de Jesus Cristo de nenhuma maneira afrouxaram de seu santo propósito. Vendo o Presidente a constância dos Mártires, mandou com voz furiosa levá-los ao templo dos deuses e que, se não queriam sacrificar, lhes tirassem por isso a vida. Levaram-nos ao sacrifício dos ídolos, mas eles não só não sacrificaram, mas repetiram em alta voz que queriam mais perder a vida pelo martírio que ofender ao Senhor. Em resolução, vendo os gentios que os Santos não queriam fazer sacrifício a seus deuses como eles desejavam, levaram-nos à praça, onde foram degolados juntamente com seu mestre São Caprásio e a bem-aventurada virgem Santa Fé; e suas santas almas foram levadas à bem-aventurança eterna coroadas com coroa de martírio.

Na vida que precede da gloriosa mártir Santa Fé temos dito já como os sagrados corpos destes santos Mártires foram recolhidos pelos Cristãos e sepultados escondidamente; os quais, logo que cessou o furor da perseguição, trasladou Dulcídio, bispo de Agen, à magnífica igreja que ele havia edificado em honra de Nossa Senhora, chamada também Santa Fé. Passados muitos anos desta trasladação, quis o Senhor que pelos de 970, reinando na Catalunha o conde de Barcelona Borrell, fossem trasladados os sagrados corpos de São Primo e Feliciano da igreja da cidade de Agen à vila de Besalú e igreja do mosteiro de São Pedro da Ordem de São Bento, onde Deus por eles tem feito e faz grandes milagres, os quais por negligência não se têm escrito. Tem-se por tradição na referida vila de Besalú que, quando traziam os corpos destes Mártires e chegaram à paróquia de Moià, tendo os que os traziam muita sede, dormiram com ela e depois, despertando, acharam-se

milagrosamente a seu lado com uma fonte, a qual desde então se chama a fonte de São Primo, em memória de cujo milagre se edificou depois uma igreja em cima desta fonte, a invocação de São Primo e Feliciano, aonde cada ano, na terceira festa da Páscoa, se costuma acudir em procissão, levando os corpos de ditos Santos. São estes bem-aventurados Mártires advogados contra muitas enfermidades, especialmente da enxaqueca; assim é que no dia de sua festa se costumam fazer certas coroas de flores, as quais a gente procura muitíssimo alcançar, por achar nelas notável e pronto remédio contra a dor de cabeça. Também o são contra a tempestade de pedra; e os que padecem dos dentes molares acham alívio tocando um que para este efeito se guarda num relicário. (Domènech.) (Veja-se a nota posta no fim da história dos santos Primo e Feliciano de Roma, 9 de junho.)

Missa (oração)

A missa é em honra de São Bruno, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Sancti Brunonis confessoris tui, quæsumus, Domine, intercessionibus adjuvemur; ut qui majestatem tuam graviter delinquendo offendimus, ejus meritis et precibus nostrorum delictorum veniam consequamur. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Suplicamo-vos, Senhor, que sejamos ajudados com a intercessão de vosso confessor São Bruno, para que consigamos por seus méritos e orações o perdão de nossos pecados, pois com nossas graves culpas temos ofendido a vossa Majestade. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 31 do Eclesiástico (o impresso traz «xxx1»).

Eclesiástico 31,8-11

> **Latim:** [8] Beatus dives qui inventus est sine macula, et qui post aurum non abiit, nec speravit in pecunia et thesauris. [9] Quis est hic ? et laudabimus eum : fecit enim mirabilia in vita sua. [10] Qui probatus est in illo, et perfectus est, erit illi gloria æterna : qui potuit transgredi, et non est transgressus ; facere mala, et non fecit. [11] Ideo stabilita sunt bona illius in Domino, et eleemosynas illius enarrabit omnis ecclesia sanctorum.

Português: [8] Bem-aventurado o rico, que foi achado sem mancha e que se não deixou ir após o ouro, nem esperou no dinheiro, nem nos tesouros. [9] Quem é êste, e nós o louvaremos? Porque fêz coisas maravilhosas em sua vida. [10] Ao que foi provado no ouro, e se achou ser perfeito, isto lhe servirá de glória eterna: O que pôde transgredir a lei de Deus, e não a transgrediu: O que pôde fazer mal e não o fêz: [11] Por isso os seus bens foram assegurados no Senhor, e toda a igreja dos Santos celebrará as suas esmolas.

Reflexões

O que assim for provado e aperfeiçoado conseguirá uma glória eterna. A tentação serve de prova e contribui muito para aperfeiçoar uma alma fiel. Não se consome o ouro com o fogo, purifica-se e apura-se; nem os ventos mais impetuosos fazem titubear ao sol, antes dissipam os parélios e levam o navio ao porto com maior velocidade, como o piloto seja vigilante em observá-los e pronto à manobra. Fiel é Deus e não permitirá que sejas tentado mais do que tuas forças possam resistir; antes bem, na mesma tentação te subministrará meios com abundância para que a possas vencer. Não por certo, Senhor, nem vossa sabedoria nem vossa bondade permitem jamais que o inimigo nos tente sobre aquilo a que pode alcançar nossa resistência. Sempre proporcionais vossos auxílios aos esforços de nossos inimigos; e nunca somos vencidos senão por nossa covardia. Fiel é Deus na mesma tentação, combatendo nela juntamente conosco; fiel é Deus depois da tentação, coroando nossos triunfos; sejamo-lhe nós fiéis por nossa parte, pelejando com constância e atribuindo-lhe depois toda a glória. Fiel é Deus na tentação; mas para experimentar seguramente sua fidelidade é mister não ser temerários. Quando voluntariamente nos expomos à tentação, nós mesmos somos os que nos tentamos; e que maravilha é que experimentemos então nossa miséria? Já está vencido o coração antes de entrar no combate; e depois admirar-nos-emos de nossas quedas! Sobretudo, a prudência cristã dita que estejamos mais alerta naqueles pecados a que nos arrasta o costume e a que nos leva a inclinação. São uns inimigos que, ainda que tenhamos sacudido seu jugo, todavia podem ter alguma inteligência secreta no coração. «Bem-aventurado o homem que está sempre temeroso», diz o Sábio. «Orai e vigiai», diz o Salvador do mundo, «para não cairdes em tentação.» Se as almas mais inocentes, se os discípulos mais fervorosos vivem sempre com temor, se devem orar e velar continuamente, quem assegura os Cristãos imperfeitos e tíbios? Essas pessoas mundanas, que só respiram alegria e diversão; esses religiosos menos observantes e pouco mortificados; essas gentes divertidas e delicadas que passam a vida em braços da ociosidade e do regalo, estarão a coberto de todos os perigos para que se considerem dispensadas de velar, de orar e de temer? «Por que te deixas abater pela modorra?» Como te deixas tu apoderar dessa modorra em meio de tanto perigo e agitado de tão desfeita tempestade? Não há pessoa de virtude tão eminente que não deva estar temerosa de sua salvação. Não há religião tão santa, não há lugar tão retirado, não há deserto tão horroroso onde racionalmente possa alguém dispensar-se de estar em sentinela para que não o apanhe de surpresa o inimigo. Houve por ventura algum Santo que não houvesse temido o perigo ainda no exercício da mais rigorosa penitência? Pois em que se funda nossa segurança?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas.

Lucas 12,35-40

> **Latim:** 35 Sint lumbi vestri præcincti, et lucernæ ardentes in manibus vestris, 36 et vos similes hominibus exspectantibus dominum suum quando revertatur a nuptiis : ut, cum venerit et pulsaverit, confestim aperiant ei. 37 Beati servi illi quos, cum venerit dominus, invenerit vigilantes : amen dico vobis, quod præcinget se, et faciet illos discumbere, et transiens ministrabit illis. 38 Et si venerit in secunda vigilia, et si in tertia vigilia venerit, et ita invenerit, beati sunt servi illi. 39 Hoc autem scitote, quoniam si sciret paterfamilias, qua hora fur veniret, vigilaret utique, et non sineret perfodi domum suam. 40 Et vos estote parati : quia qua hora non putatis, Filius hominis veniet.

Português: 35 Estejão cingidos os vossos lom- bos, e nas vossas mãos tóchas ac- cesas; 36 e sede vós-outros semelhantes aos homens, que esperão a seu senhor, ao voltar das vodas: para que, quando vier, a bater á porta, logo lha abrão. 37 Bemaventurados aquellos servos, a quem o senhor achar vigiando, quando vier: na verdade vos digo, que elle se cingirá, e os fará sentar á meza, e passando por entr'elles, os servirá. 38 E se vier na segunda vigilia, e se vier na terceira vigilia, e assim os achar, bemaventurados são os taes servos. 39 Mas sabei isto, que se o pai de familia soubesse a hora em que viria o ladrão, vigiaria sem dúvida, e não deixaria minar a sua casa. 40 Vós-outros pois estai apercebi- dos: porque á hora, que não cuidais, virá o Filho do homem.

Meditação

Para salvar-se é necessário ao menos o espírito de retiro

Primeiro ponto

Considera que não a todos chama Deus à solidão: precisa-se de particular vocação para viver num deserto. Em meio das cidades mais populosas viram-se em todos os tempos grandes Santos; mas o espírito de recolhimento e de retiro em todos os estados é muito necessário para a salvação. «Vivei sempre cingidos, com as lâmpadas acesas nas mãos, e imitai aqueles criados que estão esperando a seu amo quando volta do festim para abrir-lhe com prontidão logo que chame à porta.» Apaga-se a lâmpada com o vento da dissipação; o que se vê em meio do tumulto quer estar a suas anchuras. Se há muito ruído, não se ouve quando chamam à porta: é necessário velar, e velar com quietude

e com silêncio. O coração agitado e o espírito dissipado com o estrondo das paixões e com a algazarra do mundo não pode estar muito atento. Nem sempre é mister ir-se ao deserto para chegar a uma grande perfeição, nem sempre se vai a ele precisamente por este fim. Muitas vezes só se busca a solidão como meio mais seguro para lograr a salvação; só se foge do mundo porque um verdadeiro cristão conhece sem dificuldade que não é fácil salvar-se sem o recolhimento: «Velai e orai continuamente», diz o Salvador. E em verdade que este oráculo não fala só com os Cartuxos; a todos os fiéis se dirige. Certamente basta, por dizê-lo assim, não mais que uma tintura de nossa Religião; basta conhecer os perigos a que está exposta nossa salvação nesta vida para julgar se será fácil, e ainda em certa maneira se será possível, salvar-se alguém sem entrar dentro de si mesmo, sem vigilância e sem recolhimento. Tudo são perigos no mundo; a cada passo tropeça-se com um risco; seu ar é contagioso, os objetos tentam, os mais enganam e, enfim, vivemos em país inimigo. Nosso próprio coração é o primeiro que nos vende; nossas paixões são outros tantos inimigos que juraram nossa perda; pois agora creremos de boa-fé que um coração entregue a todo gênero de objetos, que uma alma dissipada, derramada inteiramente para fora, nada terá que temer em meio de tantos inimigos e que poderá viver largo tempo sem receber alguma ferida? Tudo são laços no mundo; seu espírito nunca foi espírito cristão; sem vigilância, sem atenção e sem recolhimento interior, como será possível descobrir estes laços? E evitar-se-ão por ventura depois de havê-los descoberto, quando nem os desertos mais horrorosos nem os ermos mais impenetráveis dão sempre seguro asilo à inocência? Quedas, e quedas muito funestas, têm-se visto até no mesmo lugar santo, e bambeiam alguma vez até as mais robustas colunas; quantas vezes um furacão deu em terra com elas? E em meio disso umas gentes expostas a todas as tempestades, sem preservativos contra o contágio, sem atenção aos perigos, sem apoio contra os bamboleios; numa palavra, umas gentes do mundo e talvez uns religiosos inficionados com o espírito do mundo, conservar-se-ão inocentes, resistirão aos ímpetos das paixões, pretenderão salvar-se sem vigilância, sem oração, sem recolhimento, sem espírito de retiro? Bom Deus, que paradoxo!

Segundo ponto

Considera quantas leis há que guardar, quantos deveres que cumprir, quantos miramentos que observar para desempenhar todas as obrigações da justiça: «Convém-nos cumprir toda a justiça.» (Mt 3.) Toda condição tem suas leis e todo estado suas regras. Quantos preceitos obrigatórios! Quantas máximas de que nunca é possível dispensar-se sem desagradar a Deus! Ainda que estejas metido em meio do mundo, tens obrigação de ser verdadeiramente cristão. Abraçaste o estado religioso? Pois hás de viver segundo o espírito de teu instituto; sem isto condenar-te-ás miseravelmente. Mas poder-se-ão desempenhar todos estes deveres, satisfazer-se todas estas obrigações; poder-se-á viver uma vida regular e cristã sem velar continuamente sobre si mesmos, sem uma contínua atenção a estas mesmas obrigações? E poder-se-á ter esta atenção, esta vigilância sem o espírito de recolhimento e de retiro? Este espírito pode muito bem perder-se ainda no silêncio do claustro e na solidão do deserto. Conservar-se-á, pois, com muita facilidade entre o tumulto do mundo? Coisa estranha! As gentes do mundo concebem o recolhimento interior e o espírito de retiro como um gênero de fruto que somente nasce na solidão ou no terreno dos claustros religiosos. É verdade que é esse, por dizê-lo assim, seu clima natural e a terra que o conserva melhor. Mas considerar-se-ão por isso desobrigados os seculares que se desejam salvar

deste espírito de retiro e de recolhimento? Ah, Senhor, e que lastimoso espetáculo ver uns homens que creem o Evangelho e vê-los numa contínua dissipação! Sempre agitados, sempre derramados e nunca recolhidos dentro de si mesmos senão quando estão para sair deste mundo, quando é preciso morrer.

Não permitais, Senhor, que a mim me suceda esta desdita. Em vossa graça confio firmemente, determinado a viver com este espírito de recolhimento, tão necessário para conseguir a salvação.

Jaculatórias

Isto está feito: já nem meu coração nem meu espírito se abandonarão ao bulício do tumulto; proponho, Senhor, passar os dias de minha vida entregue à quietude e à doce solidão do interior recolhimento. (Sl 54.)

O homem que é temeroso, esse é bem-aventurado. (Pr 28.)

Propósitos

1. Nem todos têm vocação de solitários; mas todo cristão está obrigado a velar e orar incessantemente para não cair em tentação. Esta vigilância e este espírito de oração não se acham com facilidade na dissipação e no bulício. Esses corações sempre derramados para fora; esses gênios sempre vagabundos e sempre buliçosos; essas almas inimigas de seu próprio sossego e continuamente agitadas em perpétuo movimento, serão muito vigilantes, estarão muito atentas ao delicado e espinhoso negócio de sua eterna salvação? Acham-se em estado de prevenir todos os acidentes, de descobrir todos os laços que armam a sua inocência os objetos, as paixões, o tentador e o mundo entre quem vivem? Ainda os que passam seus dias distantes das ocasiões nem sempre o estão dos perigos, nem a mais horrorosa solidão é sempre asilo seguro. Os maiores Santos viveram sempre muito alertas contra tantos inimigos, pela maior parte domésticos e familiares; pois quem assegura os que andam dentro do tumulto do mundo e numa perigosa dissipação? Reconhece, enfim, o risco e, persuadido da indispensável necessidade do recolhimento interior, toma desde hoje uma vigorosa resolução de fomentar este espírito dentro de ti mesmo, convencido de que não é incompatível com teu estado, seja o que for.

2. Além do retiro de oito dias de exercícios, que indispensavelmente deves observar todos os anos, e sem contar o de um dia cada mês, que inviolavelmente deves praticar, se te merece algum cuidado o zelo de tua própria salvação, nunca te dissipes muito nos negócios exteriores e evita com o maior desvelo todas as causas que descubras desta excessiva dissipação. Concorrências numerosas demasiadamente frequentadas, conversações inúteis e longas, passatempos que distraem, cuidados supérfluos e alheios a teu estado, visitas pouco ou nada necessárias; destinar todas as tardes ou todas as noites um quarto de hora para recolher-se dentro de si mesmo e visitar todos os dias o santíssimo Sacramento são meios eficazes para ter a alma serena, sossegada e recolhida.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:53:20 by Admin
Updated 20 November 2026 20:53:20 by Admin